

VESTIGIOS HISTÓRICOS DAS MÃOS NA ARTE: CAMINHOS PARA ENTENDER A EXPERIÊNCIA SURDA

HISTORICAL VESTIGES OF HANDS IN ART: PATHS TO UNDERSTANDING THE DEAF EXPERIENCE

VESTIGIOS HISTÓRICOS DE LAS MANOS EN EL ARTE: CAMINOS PARA ENTENDER LA EXPERIENCIA SORDA

 Ronny Diogenes de Menezes¹

1. Licenciatura em Letras. Doutorado em Linguagem e Ensino. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. ronny.diogenes@gmail.com:

ABSTRACT: This article aims to understand the symbolic importance of hands in humanity throughout the centuries and, in particular, to reflect on their dual relevance for the Deaf community. Hands, fundamental for human survival, provide sustenance, protection, and affection, while also assuming symbolic value in the arts, religions, and other social manifestations. In this sense, beyond all the symbolic weight they carry for humanity, hands acquire an even more significant dimension for Deaf people, as they constitute their primary means of interacting with the world and of constructing identity through sign language. Thus, the study draws on records from prehistory to contemporary times, based on Mondzain (2015), Chevalier (2020), Gombrich (1981), Mirzoeff (1995), among others, to demonstrate how the image of hands accompanies human history and, at the same time, how it strengthens as a sign of resistance, expression, and Deaf culture.

Keywords: Hands; Art; Visuality.

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de compreender a importância simbólica das mãos na humanidade ao longo dos séculos e, em especial, refletir sobre sua dupla relevância para a comunidade surda. As mãos, fundamentais para a sobrevivência humana, fornecem sustento, proteção e afeto, ao mesmo tempo em que assumem valor simbólico nas artes, religiões e demais manifestações sociais. Nesse sentido, além de toda a carga simbólica que possuem para a humanidade, as mãos adquirem para os surdos uma dimensão ainda mais significativa, pois constituem seu principal meio de interação com o mundo e de construção identitária através da língua de sinais. Assim, o estudo parte de registros desde a pré-história até a contemporaneidade, com base em Mondzain (2015), Chevalier (2020), Gombrich (1981), Mirzoeff (1995) e outros autores, para evidenciar como a imagem das mãos acompanha a trajetória humana e, ao mesmo tempo, como se fortalece como signo de resistência, expressão e cultura surda.

Palavras-chave: Mãos; Artes; Visualidade.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo comprender la importancia simbólica de las manos en la humanidad a lo largo de los siglos y, especialmente, reflexionar sobre su doble relevancia para la comunidad sorda. Las manos, fundamentales para la supervivencia humana, proporcionan sustento, protección y afecto, al mismo tiempo que asumen un valor simbólico en las artes, las religiones y otras manifestaciones sociales. En este sentido, además de toda la carga simbólica que poseen para la humanidad, las manos adquieren para los sordos una dimensión aún más significativa, pues constituyen su principal medio de interacción con el mundo y de construcción identitaria a través de la lengua de señas. Así, el estudio parte de registros desde la prehistoria hasta la contemporaneidad, basándose en Mondzain (2015), Chevalier (2020), Gombrich (1981), Mirzoeff (1995) y otros autores, para evidenciar cómo la imagen de las manos acompaña la trayectoria humana y, al mismo tiempo, cómo se fortalece como signo de resistencia, expresión y cultura sorda.

Palabras-clave: Manos; Artes; Visualidad.

Recebido em: 20/03/2026

Aprovado em: 23/03/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

As mãos desempenham um papel vital na existência das pessoas surdas, consolidando-se como o eixo central de sua interação, expressão e atribuição de significados ao mundo. Por meio delas, a língua de sinais ganha materialidade, permitindo não apenas o ato comunicativo, mas também a estruturação do pensamento, a preservação de memórias e a afirmação de identidades. Nesse panorama, as mãos transcendem a funcionalidade biológica para assumir um caráter social, cultural e político, possibilitando que a comunidade Surda se organize coletivamente e documente sua trajetória histórica por meio de sua própria língua. Funcionam, ainda, como dispositivos criativos essenciais na produção artística, servindo como instrumentos de resistência, de exaltação cultural e de manifestação de experiências subjetivas.

Entretanto, essa potência histórica e simbólica das mãos não foi plenamente reconhecida. A trajetória das comunidades surdas foi marcada por processos de perseguição, silenciamento e exclusão (Sacks, 2011), nos quais suas mãos foram metaforicamente “amarradas” e suas formas de expressão deslegitimadas. Tal contexto contribuiu para o apagamento de suas produções culturais e para a dificuldade de construção de um percurso histórico sistematizado das Artes Surdas. Ainda assim, a presença simbólica das mãos atravessa tanto as produções surdas quanto as mais diversas manifestações humanas. Sua recorrência imagética nas artes contemporâneas não constitui um fenômeno recente, mas remonta a milhares de anos, estando profundamente enraizada no desenvolvimento cultural da humanidade (Mondzain, 2015).

Sob essa ótica, a mão é compreendida como um signo ideológico. Fundamentando-se na perspectiva de Volóchinov (2018, 2019), tais signos são produtos de uma infraestrutura social complexa, funcionando como os indicadores mais sensíveis das transformações de uma época. Longe de uma visão meramente estética ou isolada, o signo ideológico reflete e refrata a realidade dentro do horizonte social de seus produtores, materializando-se em artes, línguas e artefatos que catalisam os valores de um grupo cultural. Assim, os signos operam em uma arena discursiva marcada pela disputa de sentidos, na qual diferentes discursos atribuem valorações apreciativas ou pejorativas aos elementos da cultura. Desse modo, a imagem das mãos constitui um signo que emerge diretamente da realidade material e social na qual a comunidade que a valoriza está inserida.

Nesse sentido, este artigo, de cunho ensaístico, propõe refletir sobre a mão como um instrumento de humanização, capaz de estabelecer um diálogo com a realidade concreta, refletindo-a e refratando-a, constituindo-se como um recorte da tese intitulada “Ode às mãos: a presença do real nas artes surdas como motivadora do ato responsável e humanizado” (Menezes, 2023).

Desde os primórdios da humanidade, as mãos estiveram associadas à comunicação por sinais, sendo valorizadas em diferentes sociedades, da pré-história aos dias atuais. Estudos como os de Kendon (1988 apud Ladd, 2013) indicam que povos como os aborígenes australianos já utilizavam sistemas gestuais há cerca de 80.000 anos, evidenciando a profundidade histórica desse recurso expressivo. Para as comunidades surdas, essa dimensão é ainda mais significativa, uma vez que as mãos, em articulação com os olhos, constituem o principal canal de interação com o mundo.

Como destaca Câmara Cascudo (1987, p. 8), foi por meio das mãos que “o homem aprendeu a contar, defender-se, modelar, viver em sociedade”, o que sintetiza sua relevância no desenvolvimento humano. Ao longo da história, elas estiveram presentes nas mais diversas esferas da vida social — no trabalho, na guerra, na religião, na política, na arte e na produção do conhecimento (Chevalier, 2020). Desse modo, compreender o percurso das mãos é também compreender a própria trajetória da humanidade, suas formas de organização simbólica e suas maneiras de atribuir sentido à existência.

Embora os gestos analisados neste estudo não se confundam diretamente com as línguas de sinais, é possível supor que ambos tenham se entrecruzado em diferentes momentos históricos. A investigação das representações das mãos nas artes, nas religiões e nas práticas sociais permite apreender seu poder simbólico e sua centralidade nas relações humanas. Como afirma Franco (2016), as mãos podem ser compreendidas como extensões do pensamento: é por meio do gesto e do toque que a humanidade estabelece vínculos, constrói cultura e reinventa continuamente suas formas de existir.

A imagem das mãos para o homem pré-histórico

O processo de humanização do homem primitivo teve um marco fundamental quando ele transformou sua própria anatomia em contemplação, dando origem àquilo que Mondzain (2015, p. 16) define como “o objeto do primeiro olhar”: a sua mão. Ao longo do tempo, esse membro deixou de ser apenas uma ferramenta biológica voltada à sobrevivência e ao autocuidado para se tornar o principal motor da evolução do sujeito.

Para esses indivíduos, as mãos transmutaram-se em canais de subsistência e linguagens simbólicas, registrando de forma indelével a sua passagem pelo mundo. Foi no isolamento e na penumbra das cavernas que o homem assumiu o papel de espectador de sua própria natureza; desse fenômeno, surgiu o sujeito imagético. Assim, ao inscrever sua marca no espaço, o ser humano encontrou uma maneira de transcender sua finitude, projetando, através da criação da imagem, o desejo de permanência e a própria imortalidade (Mondzain, 2015). As cavernas, sua primeira tela, são escolhidas para as pinturas e, também, para residir e cultuar os mortos, além de outros rituais em celebração à eternidade. Essa correlação pode indicar uma forte ligação com o ambiente que os levou a marcar sua presença ali. Por fim, esse homem que deixou a marca

de sua mão na caverna se colocou no mundo “como espectador, numa cenografia em que as suas mãos se tornam a Imagem do primeiro espetáculo” podendo encarar a sua própria alteridade (Mondzain, 2015, p.41).

O uso das mãos como uma ferramenta comunicativa é indicado no trabalho de diversos antropólogos, eles defendem que o ser humano inicialmente se comunicava por sinais e gestos (Sacks, 2011), o que Volóchinov chama de metáfora gestual, que mais tarde se transformou em uma metáfora entonacional, a fala (Volóchinov, 2019). Ele afirma que “inicialmente a própria palavra foi um gesto linguístico, um componente de um gesto complexo que envolvia o corpo todo; nesse caso, entendemos o gesto de modo amplo, o que incluía a expressão facial, tomada como gesticulação do rosto” (Volóchinov, 2019, p. 126)

O homem primitivo compreendia a importância de suas mãos, pois sua vida dependia delas, assim ele as registrou em pinturas pré-históricas ao redor do mundo, inaugurando a primeira forma de representar a si mesmo na parede de uma caverna. Um exemplo disto pode ser visto na *Cueva de las Manos*, na Patagônia, Argentina. Esse sítio arqueológico de mais de 9.000 anos apresenta diversas pinturas rupestres de mãos nas paredes da caverna.

Esse local é um dos mais importantes do mundo e guarda uma das mais antigas manifestações artísticas dos povos que habitaram a Argentina, conforme informações do *Proyecto Aecid*¹. As representações de mãos nas pinturas rupestres não são exclusivas das *Cuevas de las Manos*, porém esse é o único local do mundo no qual elas aparecem com tanta frequência e em diversos tamanhos, havendo pinturas negativadas de mãos de adultos e crianças. O *Proyecto Aecid* afirma que não há como ter certeza do significado delas, mas provavelmente representam o desejo de registrar uma marca pessoal.

A Caverna de Gargas também conserva 231 pinturas de mãos, com mais de 30.000 anos, das quais 114 apresentam mutilações nos dedos. Segundo o site History UOL², os pesquisadores que estudaram essas artes rupestres levantam a hipótese de que tais mutilações ocorriam para demonstrar luto, ou em algum tipo de ritual de sacrifício (Sardenberg, et.al. 2002).

O Brasil também conta com representações de mãos em sua arte rupestre. O sítio arqueológico de Lágea Formosa, no município de São Rafael, RN, abriga representações de mãos em rochas como pode ser visto na Figura 01.

Figura 01 – Autor Sandra Kelly, pintura rupestres em Lágea Formosa, 2019, fotografia digital 960x720 pixels.

¹ Disponível em: https://www.cuevadelasmanos.org/pdfs/Manual_En_tus_manos_Cueva_de_las_Manos.pdf Acesso em: 20 de fev. de 2021.

² Disponível em: <https://history.uol.com.br/noticias/mutilacao-de-dedos-na-idade-da-pedra-era-uma-pratica-comum> Acesso em: 20 de fev. de 2021.



Fonte - <https://www.facebook.com/caicoearredores/photos/a.404487953448172/404541426776158/>

Nesse contexto, de uso das mãos como forma de registrar sua marca no mundo, os gestos/sinais são “indispensáveis para a complementação da imagem”, e, além disso “o povo com as mãos amarradas fica mudo” (Cascardo, 1987, p. 8). Com as mãos livres, as paredes das cavernas serviram como uma tela que o humano utilizou para marcar sua imagem e voz, que ecoam até hoje. O homem pré-histórico marcou nas cavernas o seu vínculo místico e religioso e isso pode ser considerado uma primeira forma de escrita (Gombrich, 1981). Segundo Mondzain (2015), nesse momento nasce o sujeito, pois ele se torna expectador e (re)produtor de si e das imagens do mundo.

Essas manifestações primitivas foram um pano de fundo para que o ser humano continuasse a retratar suas mãos de modo simbólico. A própria palavra “manifestação”, significa aquilo que pode ser segurado ou alcançado pela mão (Chevalier, 2020). Nesse caminho, mergulharemos em diversas formas, nas quais os humanos utilizaram suas mãos para simbolicamente tentar alcançar algo. Com as manifestações que conheceremos a partir de agora será possível estabelecer um fio condutor do uso das mãos desde a idade antiga até a contemporaneidade, culminando, em um capítulo posterior, nas Escritas Surdas.




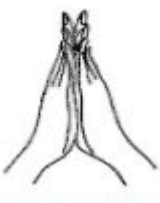




A representação das mãos na humanidade na idade antiga

O uso simbólico das mãos remonta há milhares de anos e permanece até os nossos dias. Todas as civilizações utilizaram e utilizam gestos como forma de comunicação, expressão artística e religiosa. Ao iniciar nossa viagem pelas civilizações mais antigas que temos registro, poderemos compreender como as mãos podem levar a uma conexão mística/epifania com o divino. Em filosofias religiosas orientais, a ação e a omissão são representadas pela mão esquerda e direita (Chevalier, 2020). A arte religiosa hinduísta, budista, egípcia, grega e judaica retrata diversos gestos emblemáticos, conheceremos alguns a partir de agora.

Os *mudras* são gestos milenares presentes nos rituais religiosos orientais e em esculturas de ídolos hinduístas e imagens budistas. Esses gestos estão presentes em várias manifestações religiosas oriundas da Índia, como a Ioga e a dança das mãos (Chevalier, 2020). O simbolismo dos *mudras* nas danças das mãos

pode ser observado no mantra *Ganesh Shlokam/Agajanana*³. Na maioria desses gestos as mãos estão sempre abertas, pois, quando fechada, significa dissimulação (Chevalier, 2020), e isso algo é algo contrário à filosofia budista. Podemos ver exemplos de alguns desses *mudras* no Quadro 01.

Quadro 01 – Gestos nas religiões budista e hinduísta.

			
<i>Abhaya-mudra:</i> ausência de medo.	<i>Varadra-mudra:</i> destruição provocada por Kali, “dom” pacificação espiritual no Budismo.	<i>Tarjai-mudra:</i> indica ameaça.	<i>Anjali-mudra:</i> posição de oração.
			
<i>Bhumisparsha-mudra:</i> o inabalável o insuperável.	<i>Dhiana-mudra:</i> meditação	<i>Dharmachakra-mudra</i> – predicação, roda da lei.	<i>Vitarka-mudra</i> - Argumentação ou exposição

Fonte – Adaptação feita pelo autor de Chevalier (2020) e Ramm-Bonwitt (1991)

O uso milenar dos *mudras* não se limitou à região da Índia, atravessando os séculos. Podemos perceber a sua influência até mesmo nas artes marciais japonesas. Em alguns *kata*, lutas imaginárias praticadas pelos caratecas, é possível encontrar movimentos de mãos que não são nem golpes, nem defesas. Esse é o caso dos *kata Ji'in, Jion, Jitte, Kanku Dai* e *Unsu* (Quadro 02). Os *kata* do templo⁴ compartilham o mesmo movimento inicial, como pode ser visto no Quadro 09, e a raiz da palavra remete à bondade e caridade (慈).

Quadro 02 – Gestos em alguns *kata* do karatê.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=bLOczBxzVSE&t=266s>

⁴ *Ji'in, Jion* e *Jitte* são chamados *Kata do templo* pois provavelmente foram criados em um templo budista chamado *Jion Ji*, segundo informações adquiridas de <https://www.karate.art.br/o-que-e-kata/kata-shotokan/jion/>.

Gesto			
Kata	<i>Ji'in, Jion, Jitte.</i>	<i>Kanku Dai</i>	<i>Unsu</i>
Mudra	<i>Kuji Zen</i>	<i>Trimurti</i>	<i>Pushpaputa</i>
Significado no Karatê	Bondade, caridade e equilíbrio espiritual.	Contemplar o céu	Defesa contra a nuvem
Significado do Mudra	Caminho para o autoconhecimento em busca da iluminação.	Harmonia da natureza entre a criação, preservação e destruição.	Mãos que possuem poderes mágicos
Vídeo do Kata	https://www.youtube.com/watch?v=A8WodWebtwg	https://www.youtube.com/watch?v=d4t7EG6MwYQ	https://www.youtube.com/watch?v=5uAxxiBh0JI&t

Fonte – Criado pelo autor com base em Yakota (2017), Ramm-Bonwitt (1991)

e <https://www.karate.art.br/o-que-e-kata/kata-shotokan/>.

Segundo Yakota (2017), o primeiro movimento do *kata Kanku Dai*, que significa contemplando o céu, é um gesto ritualístico, como o ato de curvar-se em cumprimento. Desse modo, ao executá-lo, o praticante estará simbolicamente admirando a natureza. Isso está inteiramente relacionado ao significado do *mudra trimurti*, que também exprime a relação harmoniosa do humano com os processos criativos e destrutivos da natureza que o cerca (Gagliardini, 2016). No *kata Unsu*, o primeiro movimento é similar ao *mudra Pushpaputa*, exprimindo a ideia de oferenda, remetendo ao poder mágico das mãos (Ramm-Bonwitt, 1991). O nome desse *kata* significa defesa contra as nuvens, e provavelmente teve sua origem em templos budistas, a partir de uma dança folclórica da ilha de Okinawa, que homenageia os deuses do ar e do vento⁵.

Um uso simbólico dos gestos também está presente na cultura egípcia em diversos hieróglifos e esculturas milenares. Segundo Gombrich (1981), os Faraós e a nobreza, eram representados sentados com as mãos sobre os joelhos. O faraó Amenhotep foi retratado dessa forma, junto de sua rainha, Tiye, que coloca uma de suas mãos por trás de seu marido em uma demonstração de apoio⁶. O objetivo dessa posição era refletir a sensação de quietude e tranquilidade, sem, no entanto, deixar de lado a autoridade (Couri, 2016). Além disso, essa postura tem a intenção de conceder ao faraó uma aparência de sabedoria, pois nas culturas antigas as mãos sob o joelho remetem a um estado de meditação (Chevalier, 2020).

⁵ Fonte: <http://shotokankaratecs.com/Kata%2021%20-%20Unsu.html>.

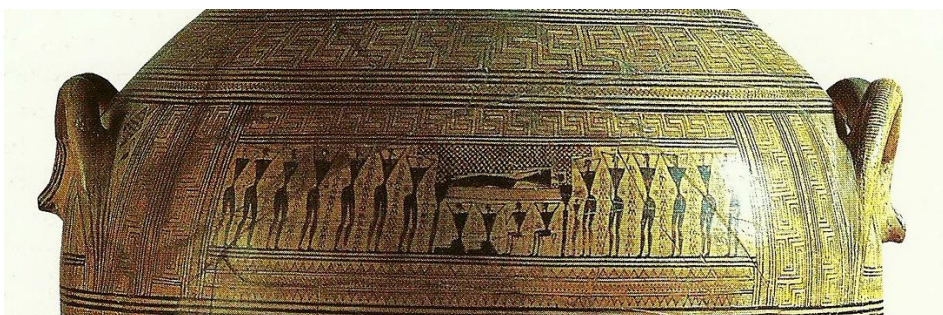
⁶ Disponível em <http://arqueologiaegipcia.com.br/wp-content/uploads/estatuasdetiyeamenhotep.jpg> Acesso em 09 de mar. 2022.

Outros gestos também são emblemáticos na cultura egípcia, por exemplo os braços estendidos junto ao corpo, com as mãos abertas, indicam ponderação e concentração. Ao erguê-los, apontando a palma para alguém, gerava-se uma indicação de proteção, aparentando uma força magnética de conexão entre as partes (Couri, *et al*, 2016). O pendente de ouro do Faraó Osorkon representa os deuses Osiris, ao centro, e Horus e Íris do seu lado direito e esquerdo⁷. Nesse objeto, eles impõem as mãos em direção ao seu filho, representando uma ligação e bênção.

Os sumérios, uma das mais antigas civilizações já encontradas, também empregaram gestos na representação artística de suas divindades. Havia particularidades em seus ídolos, as mãos eram posicionadas em um gesto de oração, estando uma fechada e a outra sobreposta à primeira, isso transmitia o tom de serenidade ao momento de prece⁸. O destaque que as mãos recebem na cultura suméria se dá por serem consideradas parte importante do corpo, que espelhava a personalidade do humano (Couri, *et al*, 2016).

No nascimento da arte grega, que é chamada por Gombrich (1981) de o grande despertar, as mãos receberam uma atenção específica. Com isso, o seu simbolismo continuou evidente. Gombrich (1981) apresenta o uso das mãos na arte grega em “A lamentação pelo morto”, que é um vaso datado de 700 A.C. (Figura 02). Nele, as carpideiras elevam suas mãos à cabeça em sinal de pranto. Aqui podemos nos remeter aos momentos de pesar pela perda de nossos entes queridos, pois esse gesto é comum nos momentos de desespero, como o falecimento de alguém que amamos. Tal gesto, comum nas sociedades primitivas e que perdura até hoje (Gombrich, 1981), pode nos transportar para uma época passada e nos fazer perceber que o sofrimento pela morte transcende o tempo.

Figura 02 – Autor desconhecido, Detalhe do vaso “A lamentação pelo morto”, 700 A.C., vaso grego no estilo geométrico, 155 cm.



Fonte - <https://www.flickr.com/photos/designhistoriadaarte/5665937810>

Com o passar dos anos e o aperfeiçoamento das técnicas artísticas, as mãos foram representadas com mais detalhes, o que possibilita perceber seu movimento e, com isso, maior expressividade. É possível

⁷ Disponível em <https://www.flickr.com/photos/jacquespasqueille/5463106776> Acesso em 09 de mar. 2022.

⁸ Disponível em <https://hav120151.wordpress.com/2016/02/28/a-representacao-das-maos-nas-artes-visuais/> Acesso em 09 de mar. 2022.

perceber o detalhismo na estátua de Marco Aurélio, montado em um cavalo, erguendo sua mão direita em um ato de benevolência⁹. Provavelmente havia, aos pés dessa estátua, a escultura de um inimigo que seria poupado da morte pela sua misericórdia, visto que ele era aclamado por sua justiça e moderação (Farthing, 2010).

Essas antigas civilizações herdaram de seus antepassados um olhar diferenciado para os gestos. Desde os *mudras*, até os detalhismos da arte grega, o movimento das mãos tem por finalidade transmitir uma mensagem silenciosa, porém, que reverbera em nossos outros sentidos, pois refletem as nossas atitudes interiores, algo que, até os nossos dias, é utilizado nas artes plásticas (Chevalier, 2020).

Também, na idade antiga, há referência às mãos ligadas a atitudes interiores, encontradas na literatura judaico-cristão, presentes na Bíblia. Em hebraico há *yad* (יָד)¹⁰, palavra do gênero feminino que significa mão e, também, poder. Em alguns contextos as mãos divinas significam justiça ou misericórdia (Chevalier, 2020). No velho testamento estão presentes dezenas de gestos que eram empregados em várias situações, como um aperto de mão ou bater palmas para firmar um acordo, e colocar a mão embaixo da coxa de outra pessoa para indicar uma atitude de servidão. Podemos ver alguns desses gestos no Quadro 03.

Quadro 03 – Gestos presentes no antigo testamento

Gesto	Significado	Local da Bíblia
Apertar a mão, bater palmas.	Confirmação de um acordo.	Esdras 10:19; 2 Reis 10:15; Gálatas 2:9.
Erguer as mãos em direção ao céu.	Oração, apelo.	2 Crônicas 6:12; Neemias 8:6.
Levantar a mão.	Forma de juramento.	Gênesis 14:22,23.
Beijar a mão.	Saudação.	Jó 31:27
Bater palmas.	Expressão de alegria, ira ou desprezo.	2 Reis 11:12; Números 24:10; Jó 27:23; Naum 3:19.
Sacudir as mãos.	Ameaça.	Isaias 10:32.
Mãos na cabeça ou na lombar.	Tristeza ou aflição.	2 Samuel 13:19; Jeremias 30:5, 6.
Lavar as mãos	Indicando limpeza ritualística ou inocência.	Mateus 15:1, 2; 27:24.
Colocar a mão sob a coxa de outra pessoa.	Juramento	Gênesis 24:2, 9; Gênesis 47:29-31.
Colocar as mãos na cabeça de outra pessoa, ou erguer as mãos em direção às pessoas.	Expressão de bênção.	Gênesis 48:13, 14; Marcos 10:16; Levítico 9:22; Lucas 24:50.

Fonte – Adaptado pelo autor de Bíblia (1969).

A importância litúrgica do gesto pode ser comprovada também analisando o ritual de consagração de mulheres católicas que faziam o voto de virgindade. Segundo Chevalier (2020), o bispo lhes impunha às mãos para formalizar a consagração, entretanto isso mais tarde foi proibido, pois esse gesto se

⁹ Imagem disponível em <https://historiasderoma.com/2021/04/26/marco-aurelio-o-imperador-filosofo/> Acesso em 09 de mar. 2022.

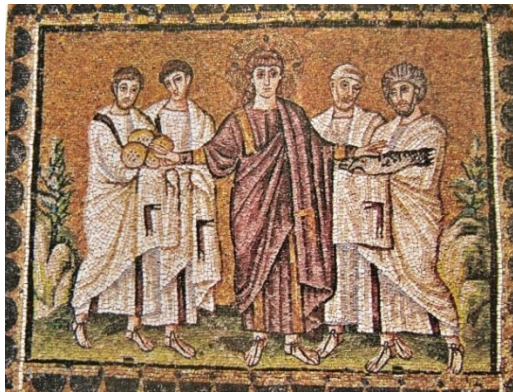
¹⁰ Disponível em: <https://pt.glosbe.com/pt/he/m%C3%A3o> Acesso em 31 de mar. 2021.

assemelhava muito com o utilizado na ordenação de padres. Desta maneira, e sabendo que até os dias de hoje não existe dentro do catolicismo a ordenação de mulheres, conseguimos compreender a proibição da consagração utilizando o mesmo gesto.

O simbolismo das mãos: da idade média até a moderna

A idade moderna trouxe algumas mudanças na estética da arte, contudo, a simbologia ligada às mãos continuou presente. A arte bizantina era predominantemente ligada a temas religiosos que se desenvolveu em uma colônia grega chamada Bizâncio (Lemos & Ande, 2013). Ela utilizava uma estética de ostentação que enaltecia os imperadores que eram figurados juntos com o sagrado, se tornando um estilo com uma concepção de beleza metafísica (Lemos & Ande, 2013). A servidão dos apóstolos para com Cristo, e a bênção foram retratadas no mosaico O Milagre dos Pães e dos Peixes (Figura 03). Com suas mãos erguidas, Jesus abençoa os pães e peixes enquanto seus apóstolos escondem as mãos dentro das mangas de suas túnicas. Segundo Chevalier (2020) e Gombrich (1981), esse era um gesto de respeito empregado pelos servos na cultura romana e indicava submissão.

Figura 3 – Autor desconhecido, O Milagre dos Pães e dos Peixes, 520 d. C., Mosaico da Basílica de Santo Apolinário.



Fonte – Gombrich (1981)

Podemos encontrar outro gesto comum na arte da idade média na Ilustração do Evangelho de Otto III no ano 1000 DC¹¹, na Nossa Senhora no trono com o menino Jesus de 1280 DC¹² e na “A Anunciação” de 1150 DC¹³. Com a mão levantada, e somente o dedo indicador e médio erguidos, ele tem alguns significados distintos, ora representando o ato de falar, e ora simbolizando uma bênção (Gombrich, 1981). A Arte bizantina procurou preservar as tradições estéticas assim como a arte egípcia, o que levou a perpetuação do estilo grego em alguns gestos (Gombrich, 1981).

¹¹Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/335377503497687104/> Acesso em 09 de mar. 2022.

¹²Disponível em <https://www.flickr.com/photos/designhistoriadaarte/5666131752> Acesso em 09 de mar. 2022.

¹³Disponível em <https://www.flickr.com/photos/designhistoriadaarte/5690222449> Acesso em 09 de mar. 2022.

Analisando de perto os gestos da iconografia bizantina, conseguimos perceber que as mãos tem um simbolismo próprio, que complementam a obra. Alguns gestos durante esse período significavam uma crítica, um pedido de atenção, martírio, bênção, sermão e sinceridade (FIGURA 04). A tradição fez com que os tons de dourado e ocre, um destacamento das sombras, uma estética peculiar no traço dos rostos e das mãos fossem seguidos a risca, e isso impediu que os artistas desenvolvessem suas capacidades pessoais (Gombrich, 1981).

Figura 04 – Significado das mãos na arte Bizantina



Fonte – Adaptada pelo autor da pesquisa com base em <https://br.pinterest.com/pin/651192427363077270/> e

<http://www.trinityiconographers.org/chironomia-the-language-of-gesture/>

Esses gestos apresentam uma grande semelhança com *mudras* indianos. Isso pode ser fruto da influência da migração indiana para diversas partes do mundo, que originou os povos ciganos. Esse fato se iniciou dentro do período do império bizantino, com uma migração de indianos para o norte de África e regiões da Europa como Portugal e Andaluzia (Magano, 2010). É possível que tenha havido uma troca cultural através do contato com esses grupos, algo que já pode ser notado no folclore europeu, como a dança flamenca (Camargo, 2014).

A partir de 1453, na idade moderna, a arte continuou utilizando as mãos como forma de evidenciar as emoções e atitudes humanas. O detalhismo anatômico nas obras ainda hoje é uma referência para a arte e, também, para a medicina, pois essas ilustrações estão presentes em diversos livros de cirurgia da mão (Sardenberg et. al, 2002). Leonardo da Vinci, por volta de 1486, atribuiu um significado específico a cada gesto meticulosamente expresso no óleo sobre tela, chamado de "Virgem das Rochas"¹⁴. Franco (2016)

¹⁴ Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Virgem_das_Rochas#/media/Ficheiro:Leonardo_Da_Vinci_-_Vergine_delle_Rocce_\(Louvre\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Virgem_das_Rochas#/media/Ficheiro:Leonardo_Da_Vinci_-_Vergine_delle_Rocce_(Louvre).jpg) Acesso em 09 de mar. 2022.

descreve a riqueza de simbolismo dos gestos de Maria, primeiramente, com sua mão direita protegendo e conduzindo João Batista, enquanto com a esquerda ela abençoa Jesus. No mesmo momento o anjo com trajes vermelhos aponta para João Batista o indicando como predecessor de Cristo, abençoando-o com o gesto que pode ser visto no Imagem 19, e João, juntando as duas mãos, lhe presta adoração e obediência (Franco, 2016).

Anos mais tarde, em 1511, Michelangelo Buonarotti, contemporâneo de Leonardo da Vinci, concretizou a sua obra mais conhecida na Capela Sistina, no Vaticano. Em um dos afrescos da capela, chamado de “A Criação de Adão”¹⁵, Michelangelo apresenta Deus com uma aparência madura, e com seu braço estendido até Adão, que recebe o dom da vida ao ter sua mão quase tocada, o que pode indicar a superioridade e poder divino de criar, mesmo sem haver um contato físico para isso. A semelhança das mãos de Adão com a de Deus pode indicar a criação “à sua imagem e semelhança” como está presente no livro de Gênesis (Bíblia, 1969). O braço esquerdo de Deus envolve uma mulher, que alguns interpretam como Eva aguardando o momento de ser criada (Botton, 2010). Esse simbolismo e precisão anatômica, na representação das mãos, se tornou uma constante na idade contemporânea como veremos a seguir.

Essa minuciosidade é encontrada na pintura de “São Mateus e o anjo” de Caravaggio. Nela, podemos ver um anjo jovem guiando a mão de São Mateus no momento que ele escrevia o evangelho que leva seu nome¹⁶. Essa atitude preceptoral do anjo, ao segurar a mão de Mateus, soou como desrespeitosa aos olhos da classe clerical, e da burguesia da época. Por isso, ele teve que pintar outro quadro, seguindo as “ideias convencionais da época” (Gombrich, 2008, p. 12). A Imagem pueril do anjo associada ao ato de guiar o santo, como um oráculo, foi retirada, embora a aparência jovial tenha permanecido, as mãos do anjo não conduzem mais a escrita do evangelho, e sim apenas tomam uma posição que indica a transmissão de uma mensagem, que São Mateus recebe atentamente¹⁷.

Essa mudança específica na atitude do anjo revela muito sobre a importância das mãos na significação da arte religiosa, pois algo que antes parecia desrespeitoso, aos olhos dos fiéis, foi aceito. Caravaggio continuou sua profícua produção artística, sempre com um detalhismo impressionante na representação das mãos. Isso pode ser visto em “A Dúvida de Tomé” de 1599¹⁸. Nesta tela, o pintor retrata

¹⁵ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o#/media/Ficheiro:God2-Sistine_Chapel.png Acesso em 09 de mar. 2022.

¹⁶ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Mateus_e_o_Anjo#/media/Ficheiro:Caravaggio_MatthewAndTheAngel_byMikeyAngels.jpg Acesso em 09 de mar. 2022.

¹⁷ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Mateus_e_o_Anjo#/media/Ficheiro:The_Inspiration_of_Saint_Matthew_by_Caravaggio.jpg Acesso em 09 de mar. 2022.

¹⁸ Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Incredulidade_de_S%C3%A3o_Tom%C3%A9_\(Caravaggio\)#/media/Ficheiro:Caravaggio - The_Incredulity_of_Saint_Thomas.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Incredulidade_de_S%C3%A3o_Tom%C3%A9_(Caravaggio)#/media/Ficheiro:Caravaggio - The_Incredulity_of_Saint_Thomas.jpg) Acesso em 09 de mar. 2022.

o apóstolo tocando nas chagas de Jesus, em um ato incrédulo, após a sua ressurreição. A mão de Cristo guia a de Tomé, que penetra no ferimento de Jesus com o dedo indicador. Nesse momento, os olhos de todos se dirigem para a ferida. A cena pode nos aproximar da sensação experimentada por Tomé, ao ter seu dedo penetrando, de forma invasiva, no corpo de outra pessoa. Esse sentimento poder ter sido o objetivo de Caravaggio, ao realizar a pintura, e que foi possível de ser concretizado por um uso exímio da Imagem das mãos.

Ao empreender exaustivos estudos sobre a forma ideal de transformar uma pintura em uma poesia silenciosa, vários artistas chegaram à conclusão de que isso pode ser conseguido através da retratação dos gestos e de expressões faciais (Mirzoeff, 1995). Um importante filósofo do iluminismo, chamado Denis Diderot, percebeu isso e afirmou que é possível encontrar uma forma sublime de uso dos gestos na obra de Jean-Baptiste Greuze (Mirzoeff, 1995).

Na obra – *La malédiction paternelle*, Greuze apresenta o momento que um pai amaldiçoa seu filho após ele se alistar no exército¹⁹. Neste óleo sobre tela, há gestos marcantes realizados pelo ato de amaldiçoar feito pelo pai quanto o filho se inclina para direita com a mão esquerda cerrada, demonstrando a determinação de sua decisão, porém sua direita se ergue como se tentasse evitar ser maldiçoado. Outras figuras que expressam o seu desespero estão presentes na obra, sendo elas os irmãos do jovem que imploram que ele fique até mesmo agarrando suas vestes para impedi-lo.

Os gestos continuaram a ser uma forma de ligação entre os personagens de uma obra. Um exemplo disso é o óleo sobre tela “Julgamento dos Horácios”, de Jacques-Louis David (Figura 05), onde é possível sentir a cumplicidade dos irmãos que erguem suas mãos em um gesto que enfatiza sua lealdade à Roma. Franco (2016) afirma que esse gesto revela que eles estão dispostos até mesmo a morrer pela república, ao mesmo tempo que se abraçam demonstrando lealdade familiar. Enquanto o pai dos Horácios os abençoa, é possível perceber a desolação nas suas filhas, pela posição de suas mãos, lançadas para baixo, pois seus irmãos irão guerrear contra a família de seus maridos. Esse último gesto demonstra que elas não têm qualquer poder para modificar os rumos daquela guerra (Franco, 2016).

Figura 05 – Autor Jacques-Louis David, Julgamento dos Horácios, 1784, óleo sobre tela, 130.2 x 166.7 cm.

¹⁹ Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/08/La_malediction_paternelle.jpg Acesso em 09 de mar. 2022.



Fonte - <https://g.co/arts/nveMCxDHD6N7xvHH9>

A presença das mãos em obras, como as apresentadas até agora, contribui para a criação de uma atmosfera única, que converge para estimular nossos sentidos, podendo proporcionar uma imersão mística e paradoxal, nos permitindo experimentar a presença de algo que está ausente. Pela percepção dos gestos manuais, caminhamos pelo sagrado na arte bizantina, até uma bênção para um ato bélico em Julgamento dos Horácios.

A presença das mãos na idade contemporânea: uma experiência mística e política

Ao adentrar na contemporaneidade perceberemos inicialmente uma perpetuação do detalhismo anatômico, seguido de mudança estética no uso das mãos, porém isso em nada prejudicou o seu efeito de presença. As nossas imaginações continuaram a ser estimuladas com o efeito místico provocado pelos gestos manuais, como podemos verificar em “Cristo no deserto” de Ivan Kramskoi, pintado em 1872. As mãos de Jesus, nesse caso específico, têm o poder de estimular a nossa imaginação e tornar tangível a emoção sentida por ele (Quadro 04). Seu semblante insípido não nos revela muito sobre seu íntimo, contudo, a posição de suas mãos com os dedos entrelaçados, com força suficiente para tensionar os músculos do antebraço, e a sua postura corporal denotam pensamentos aflitivos em seu âmago (Franco, 2016).

Quadro 04 – Detalhe de Cristo no deserto de Ivan Kramskoi, 1872, óleo sobre tela, 184 × 214 cm.

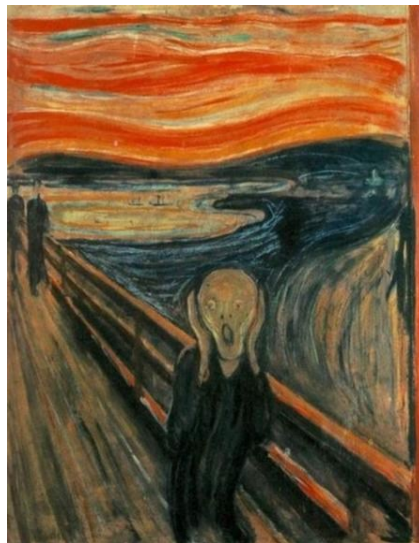


Fonte – Adaptação feita pelo autor de https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/17/Christ_in_the_Wilderness_-_Ivan_Kramskoy_-_Google_Cultural_Institute.jpg

Desde o século XIX, a representação das mãos ultrapassou as fronteiras religiosas e ingressou nos movimentos de resistência da classe trabalhadora. Há milhares de anos, marcávamos nossas mãos nas paredes de cavernas, “hoje, fazemos o mesmo gesto com as mãos sujas de tinta para marcar telas, faixas e cartazes” como uma forma de protesto (Silva, 2020, p. 41). Silva (2020, p. 63) afirma que “de certo modo, as mãos *personificam* o próprio gesto de *manifestar* em toda a sua complexidade: expressar-se, manifestar-se aos semelhantes, manifestar-se aos outros, jogar-se no mundo e habitá-lo enquanto sujeito político”.

Nesse contexto, de manifestação de sentimentos no mundo, as mãos no rosto, em um momento de desespero, durante o entardecer na doca do Fiorde em Oslo, complementam a atmosfera de sofrimento pintada por Edvard Munch em O Grito (Figura 06). Os gestos estão presentes em nossos momentos de angústia e pesar, essas expressões específicas, assim como as mãos cerradas com força, erguidas para o céu ou sobre o peito, emergem espontaneamente, paridas das partes mais profundas do nosso ser.

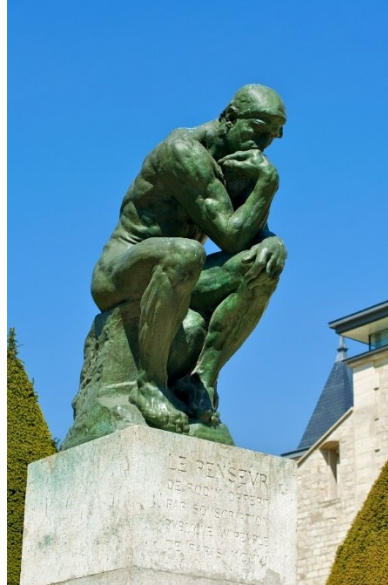
Figura 06 – Autor **Edvard Munch**, O Grito, 1893, *têmpera sobre papelão*, 91 x 73,5 cm.



Fonte - https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Grito#/media/Ficheiro:Edvard_Munch_-_The_Scream_-_Google_Art_Project.jpg

Dentro do nosso âmago, surgem os mais diversos raciocínios. Auguste Rodin representou esse momento de reflexão em uma das esculturas mais conhecidas da humanidade, e que serviu de inspiração para outros artistas. Em O Pensador (Figura 07), o personagem está sentado, completamente nu, e com a mão direita apoiada no queixo em um longo momento de reflexão. Esse gesto, por certo, já foi utilizado por muitos de nós, nos momentos em que precisamos organizar nossos pensamentos.

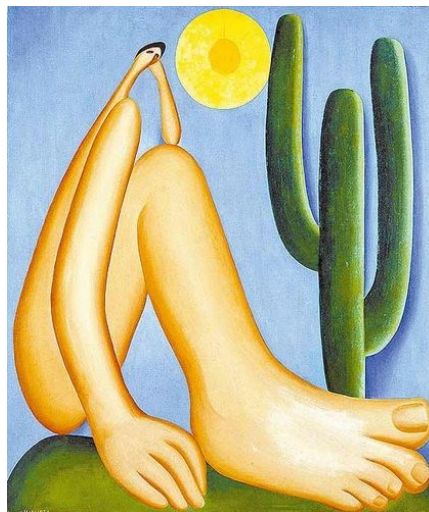
Figura 07 – Autor Auguste Rodin, O Pensador, 1904, escultura em bronze, 1,89 m.



Fonte - https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Pensador#/media/Ficheiro:Paris_2010_-_Le_Penseur.jpg

O pensamento reflexivo também esteve presente na obra de Tarsila do Amaral. Em *Abaporu* (Figura 08), a personagem está apoiando a sua pequena cabeça na mão esquerda, gesto que nos remete aos momentos de meditação. Ela também representou a valorização do trabalho físico, pela figuração de enormes mãos e pés em completa desproporcionalidade à cabeça, evidenciando o enaltecimento do trabalho braçal em detrimento do esforço mental.

Figura 08 - Autora Tarsila do Amaral, *Abaporu*, 1928, óleo sobre tela, 85 x 72 cm.



Fonte - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abaporu#/media/Ficheiro:Abaporu.jpg>

Outra artista plástica contemporânea que utilizou as mãos em suas obras é Lygia Clark. A experiência e passar um ano como professora de artes do INES, em 1960, mudou a perspectiva de Lygia Clark, abrindo seus olhos para outras sensorialidades (Lima, 2016). Nesse contexto de (re)descobertas sensoriais a autora no ensaio “Breviário sobre o corpo” explana a quebra das fronteiras do sensível por meio de suas mãos em um conexão com as coisas do mundo, assim ela afirma que suas

Mãos olhos, mãos cheias de olfato, mãos que eram as únicas peças inteligentes do meu corpo, fora às vísceras de onde brotaram vômitos e haustos de intuições para construir-se a realidade do meu mundo. Mãos que cavaram a minha permanência no mundo, que abriram a minha passagem através do novo nascimento depois da letargia violenta e branda loucura que se estendera por vinte e sete anos. (Clark, 2015, p. 166)

Continuando o processo de (re)descoberta do corpo, em "Diálogo" (Figura 09), de 1966, e autora concebe as mãos como um elemento que nos envia a outro "domínio que ela mesma, o domínio vegetal", nesse diálogo com outras realidades ela "se torce, mistura, enlaça e dá nós" (Franca, 2007, p.103). A obra apresenta um jogo de toques, apertos, torções e contrações que se estendem dos braços até as mãos, em uma ligação quase síncrona. Para Franca (2007), isso denota a percepção de espaço e tempo em seus movimentos, pois, as mãos "são uma única coisa, dependendo, tanto um como o outro, do acontecimento em relação ao corpo".

Figura 09 – Lygia Clark, Diálogo de mãos, 1966, Objeto em tecido.



Fonte - <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/210/dialogo-de-maos>

A mão do outro, se conecta, como uma amarra, os movimentos se tornam interdependentes, para que um siga o outros tem que ceder, para que o outro pare, o *eu* tem que parar. Essa conexão entre as mãos evoca vários simbolismos, com elas seguramos, construímos, moldamos, enganamos e educamos. E nesse jogo simbólico, Richard Serra, no filme "*Hand catching lead*"²⁰, retrata uma mão que tenta agarrar um pedaço de chumbo, mas em diversas tentativas ela não consegue atingir sua meta, de pegar e moldar o objeto.

Algo semelhante pode ser visto no filme "Perdi meu Corpo" de 2019 (Figura 10). Nele, acompanhamos a jornada de uma mão que foi decepada, e agora está em busca de seu corpo, talvez com o desejo de serem um só. Nessa obra, a busca da mão pelo seu corpo se torna uma metáfora a todas as perdas

²⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NBSuQLVpK4> Acesso em 09 de mar. 2022.

que seu dono enfrentou durante a vida, e mesmo assim, ele procura algo para se sentir inteiro e tomar as rédeas da situação.

Figura 10 – Autor Netflix, Print do Filme Perdi meu Corpo, 2019, imagem digital.



Fonte - <https://www.netflix.com/br/title/81120982>

A vida se esvaindo em um gesto que evidencia uma última tentativa de pedido de socorro, é percebida na obra de Mario Irarrázabal²¹, que em duas esculturas retrata mãos gigantes que emergem do chão. Na primeira “*Monumento al ahogado*” ele deixa um aviso para os banhistas em uma praia na cidade de *Punta del Este* no Uruguai. Nesse local é comum os afogamentos de surfistas que são levados pelas fortes ondas. Assim a escultura demonstra o desesperado movimento em busca de socorro daqueles que estão prestes a sucumbir. Já no deserto do Atacama, no Chile, o mesmo artista construiu uma mão de 11 metros de altura que surge nas areias do deserto. É possível remeter essa obra ao perigo que o deserto pode representar para os que nele se aventuram, outros afirmam que essa enorme mão é uma referência a todos que sofreram injustiças durante a ditadura Chilena²².

A aparição das mãos como símbolo de protesto e em movimentos políticos e sociais também fazem parte da história. Silva (2020) descreve vários momentos nos quais a Imagem de uma mão manifesta-se como um símbolo político, desde a revolução industrial até nossos dias. Segundo o autor, a iconografia das mãos ao longo dos anos ocupou “um forte lugar simbólico em várias culturas de diferentes lugares” (Silva, 2020 p. 43). O autor também relata que a mão tem representado dominação, autoridade, força e resistência.

Nessa politização, o ser humano usou suas mãos, e as representou na arte gráfica do protesto, mais comumente na forma de um punho fechado. É exatamente isso que vemos no cartaz “O povo brasileiro vencerá” (Silva, 2020), utilizado na propaganda contra a ditadura militar no Brasil. Esse punho cerrado apareceu também em outros cartazes que tinham o objetivo de alertar a população para os abusos cometidos pelos militares contra os direitos humanos.

Essa mão também foi emblemática dentro do partido dos Panteras Negras, nos Estados Unidos (EUA). Esse grupo político foi perseguido por sua ideologia, que pregava a resistência negra frente a

²¹ Disponível em <https://culturaespanhola.com.br/blog/as-maos-de-mario-irrazabal/> Acesso em 09 de mar. 2022.

²² Disponível em https://es.wikipedia.org/wiki/Mano_del_desierto. Acesso em 09 de mar. 2022.

violência e racismo presentes no país. A Figura 11 é uma fotografia que revela o poder desse gesto. Ela foi tirada nos jogos olímpicos da cidade do México, em 1968, após Tommie Smith e John Carlos conquistarem as medalhas de ouro e prata nos 200 metros rasos. Segundo reportagem do Globo Esporte²³, o objetivo era protestar contra o racismo e a injustiça. O movimento negro dos EUA tinha enfrentado o assassinato de Martin Luther King Jr., pouco antes das Olimpíadas e, anos antes, o assassinato de Malcom X, duas importantes lideranças que lutavam pelo fim da discriminação contra negros.

Figura 11 – Autor John Dominis, Tommie Smith e John Carlos realizando a saudação do partido dos Panteras Negras nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, 1968, fotografia



Fonte - <https://ge.globo.com/olympicchannel/noticia/contra-o-racismo-olimpiadas-de-1968-foram-palco-de-gesto-historico.ghtml>

Segundo a reportagem citada, os dois atletas foram expulsos dos jogos, acusados de utilizar gestos políticos americanos dentro das olimpíadas. Mesmo com a repressão ao Partido dos Panteras Negras, esse gesto, e o da silhueta de uma mão aberta, se tornaram emblemáticos, e são utilizados amplamente em protestos a favor do regime democrático, e de movimentos pelos direitos dos negros como o *Black Live Matters* (Figura 12).

Figura 12 – Clériston Santana, Cartaz de protestos contra o presidente Jair Bolsonaro, 2020, fotografia digital, 1000x563 pixels.



Fonte - <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/07/grupos-fazem-protesto-em-salvador-contr-o-racismo-e-o-fascismo-fotos.ghtml>

²³ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olympicchannel/noticia/contra-o-racismo-olimpiadas-de-1968-foram-palco-de-gesto-historico.ghtml> Acesso em 29 de março de 2021.

As mãos evocam o sentimento de participação social em busca de mudanças. Contudo, essas movimentações políticas para o pertencimento a uma causa também serviram à fins tirânicos. Um gesto importado da cultura romana que era utilizado como uma forma de juramento, como o que vimos na Imagem 06, foi apropriado pelo regime nazista, responsável por milhões de mortes e um incontável número de atrocidades. Com a palma da mão aberta, e o braço estendido em um ângulo diagonal ascendente, os adeptos do Nazismo afirmavam com um grito a sua adoração à imagem de Hitler (Silva, 2008). Essa devoção cega, demonstrada por esse gesto, foi, e é, motivo de polêmicas. Em 1939, em uma partida de futebol entre Inglaterra e Alemanha, durante o auge do partido nacional socialista, o conselheiro diplomático do Reino Unido aconselhou que os jogadores de seu país fizessem o gesto em homenagem a Hitler²⁴.

Esse momento é tido como o mais vergonhoso da história da seleção da Inglaterra, pois com o início da Segunda Guerra, ele simbolizou todos os crimes do regime nazista e causa ojeriza em todos os que conhecem as barbaridades da época. Infelizmente, grupos neonazistas como a Klu Klux Klan ainda usam esse gesto como forma de cumprimentar seus pares. Esse lado obscuro do uso dos gestos reforça a importância simbólica do uso de nossas mãos, entretanto, elas foram o alvo de outros déspotas.

Um dos maiores genocidas da história utilizava uma punição nas mãos, que retirava da sua vítima toda a possibilidade de sobreviver e se defender. O Rei Leopoldo II, da Bélgica, explorou o Congo e foi o responsável pela morte de mais de 10 milhões de congoleses (Ilani, 2011). Através da escravidão, ele furtou as riquezas do país e, para os escravizados que não conseguissem atingir as metas, a punição era ter as mãos decepadas ou agredidas até se tornarem inúteis²⁵.

Esse ataque às mãos não era apenas uma punição física, mas sim algo que abalaria profundamente os congoleses, pois eles perderam seu principal meio de sobrevivência (Mondzain, 2015). De fato, com as nossas mãos podemos fazer centenas de atividades, tanto para o bem quanto para o mal. Nos remetendo aqui a toda a importância das mãos para o ser humano, podemos ampliar a ideia de Cascudo, de que o povo com as mãos amarradas - sem mãos - fica impotente e incapaz (Cascudo, 1987). Isso acontece, pois elas não são apenas uma ferramenta funcional, sua representação simbólica vai além, por meio dela podemos amar, ferir, cuidar, emocionar e realizar centenas de atividades para nós ou para os que nos cercam.

As mãos são um instrumento de construção e destruição, de carinho ou agressão. Elas podem nos informar ou apagar a informação, e esse poder de vida e morte, que está nessa parte de nosso corpo, as torna um símbolo de nossa existência. Isso se faz presente na história e pré-história como forma de arte, uma simbologia que deixa a nossa marca no mundo e, também, como forma de protesto.

²⁴ Disponível em <https://futebocracia.files.wordpress.com/2018/09/saud.png> Acesso em 09 de mar. 2022.

²⁵ Disponível em https://aventurasnahistoria.uol.com.br/media/uploads/adultos_e_crianças_mutilados.jpg Acesso em 09 de mar. 2022.

Nesse contexto, essas mãos são responsáveis por escrever, de várias formas, os mais diversos sentimentos humanos. Ao se tornar expectador de si mesmo, o ser humano se humanizou, e iniciou uma materialização das suas mãos nas cavernas, cerâmica, esculturas, telas e em centenas de outros meios. Nesse movimento de criação das imagens na parede, em um gesto de aproximação, inércia e afastamento, a mão, hora negativa e hora positiva, realiza o ato de “*man-ter a distância, manutenção, propriamente e doravante regulada*” (Mondazin, 2015, p. 38).

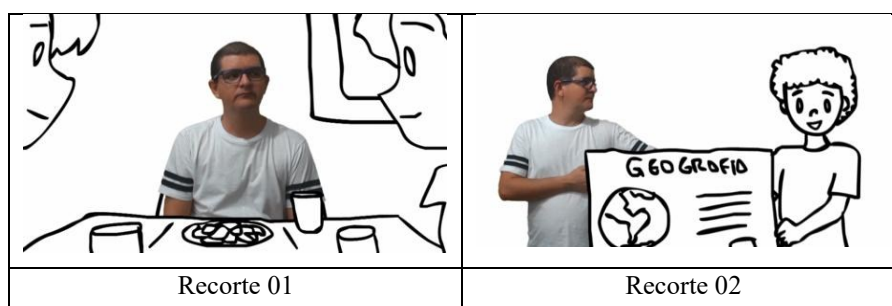
Assim, no nascimento da imagética, as mãos são “*marcas do primeiro comércio entre o mundo animado e o inanimado, entre o que vive e o que não vive*” (Mondazin, 2015, p. 40) pois, “*o gesto dentro da gruta cria o homem à imagem da sua própria mão*” (Mondazin, 2015, p. 41). E, através de gestos e sinais, esse homem continuou a marcar o mundo. Com todo o simbolismo atrelado às mãos, indo além da significação vivida por pessoas ouvintes, os surdos usam suas mãos para se defender, conseguir seu sustento, “*falar*”, manifestar suas emoções e registrar a sua Escrita.

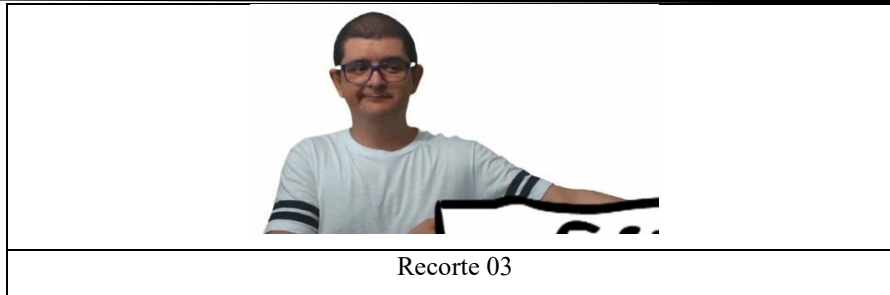
As mãos na arte surda

A mão surda não é apenas um órgão de execução motora; ela é a mão que trabalha, que interage com o meio e que o modifica de forma profunda e consciente. Na contemporaneidade brasileira, essa presença constante traduz-se em uma produção artística vibrante que reflete e refrata a relação do sujeito surdo com o mundo dos objetos, sempre mediada pela gestualidade. Embora muitas dessas obras ainda resistam à margem dos grandes circuitos comerciais de arte, elas representam um esforço de visibilidade e de afirmação identitária. Através de um mapeamento nacional, identificou-se que a arte surda se manifesta em todas as regiões do país, utilizando a mão como o expoente máximo de um grito que, embora visual, atinge o âmago dos sentidos de quem se propõe a vê-lo.

No Nordeste, essa potência manifesta-se no curta-metragem *O Mundo de Netinho*, de João Filho. A obra apresenta a mão como o elemento divisor entre dois mundos: o da exclusão e o da plenitude comunicativa. No Quadro 05, observamos o cotidiano de Netinho, um jovem surdo cercado por uma família e uma escola que não compartilham sua língua. Nessas cenas, a mão é inicialmente reduzida a um suporte passivo, como quando o protagonista apenas segura um cartaz enquanto o colega ouvinte protagoniza a fala, refletindo o estigma de uma suposta incapacidade intelectual que ainda permeia o senso comum.

Quadro 05 – Recortes do curta *O Mundo de Netinho*: a invisibilidade no cotidiano.





Fonte: Fonte – feito pelo autor da pesquisa com base em <https://www.youtube.com/watch?v=oGc2tVkXFaa>

A subversão dessa realidade ocorre através de um "poder efêmero e carnalizado". Ao encontrar um ser místico que utiliza elementos da cultura regional, como o chapéu de cangaceiro (Figura 13), Netinho é transportado para uma dimensão onde sua língua é soberana. Aqui, a mão deixa de ser um instrumento de sujeição para tornar-se o próprio território da liberdade.

Figura 13 – O ser místico e o despertar para um novo mundo.



Fonte – <https://www.youtube.com/watch?v=oGc2tVkXFaa>

Nesse processo de transição estética, o autor utiliza a imagem das mãos para representar a opressão histórica. No Quadro 06, recortes da obra mostram mãos em configurações que sugerem aprisionamento e limitação, simbolizando o período em que as línguas de sinais foram proibidas e os surdos eram forçados à oralização.

Quadro 06 – Recortes que indicam a conotação negativa e restritiva das mãos.



Fonte – feito pelo autor da pesquisa com base em <https://www.youtube.com/watch?v=oGc2tVkXFaa>

Contudo, a arte surda opera na lógica da superação. A intervenção mágica no curta transforma a angústia em movimento: mãos gigantes assumem a configuração do sinal BARCO (Figura 14), conduzindo o protagonista a uma ilha que tem o formato de uma mão. Esse simbolismo reforça que, para a comunidade surda, a mão é o abrigo, a morada e o canal de sobrevivência e carinho.

Figura 14 – A mão como transporte e refúgio: a ilha da identidade surda.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oGc2tVkJFaA>

Na região Norte, o poeta Lucas Fagundes (conhecido artisticamente como @lucas.maos) desconstrói o mito de que surdos não podem apreciar música. Em seu poema *Estrelas sejam música!*, as mãos capturam a pulsação do universo, transformando o ritmo visual em uma experiência sinestésica. A Figura 15 ilustra como o poeta utiliza o espaço de enunciação para "tocar" as estrelas e trazê-las para a palma da mão, onde elas vibram como notas musicais.

Figura 15 – Recortes da poesia visual: o pulsar das estrelas nas mãos.



Fonte – Feito pelo autor da pesquisa com base em <https://www.instagram.com/p/B-MID1wpwNP/>

Essa conexão profunda entre o corpo e o cosmos atinge seu ápice quando o pulsar do coração é projetado para fora do peito, seguindo o movimento das mãos (Figura 16). A mão, nesse contexto, é o órgão que permite ao surdo "ouvir" com os olhos e com a pele, reafirmando sua humanidade através de uma cosmologia própria.

Figura 16 – A expansão do ser: o coração que voa guiado pelo gesto.



Fonte – <https://www.instagram.com/p/B-MID1wpwNP/>

No Centro-Oeste, o fotógrafo Cristiano Carvalho utiliza a série *Jirau* para elevar objetos simples ao status de "matéria de poesia". Ao retratar uma mão segurando um crucifixo (Figura 17), o autor evoca a presença do sagrado e da fé que permeia o trabalho braçal e a existência cotidiana.

Figura 17 – A mão como expoente da poesia e da fé.



Fonte: <https://cristianocarvalho.46graus.com/permalink/009cd65f-d2bc-4521-86f8-4cc39711f060/dscf1255.jpg>

A valorização simbólica estende-se até mesmo à ausência física da mão, mas à presença de seu rastro. Na Figura 18, luvas de borracha sujas e penduradas na parede simbolizam o esforço, o suor e a sobrevivência do trabalhador surdo. A mão que habitou aquelas luvas é a mesma que constrói cultura e vínculos afetivos, reforçando o papel das mãos na organização social da humanidade.

Figura 18 – Vestígios do trabalho: a mão ausente que evoca a presença.



Fonte — <https://cristianocarvalho.46graus.com/permalink/b4c2db85-51f2-400e-abb3-5d0ccb2949c9/dscf0883.jpg>

A dimensão política da mão surge com força no Sudeste, através do *slam* de Edinho Santos. Em sua poesia *Mudinho*, ele confronta os estigmas pejorativos impostos pela sociedade ouvinte. Sua expressão firme (Figura 19) é um ato de resistência contra a invisibilidade e o preconceito.

Figura 19 – Edinho Santos declamando a poesia Mudinho.



Fonte — <https://www.youtube.com/watch?v=bl4-k4YqkCwet>

Edinho utiliza a própria mão para representar o opressor: o dedo apontado que rotula e diminui (Figura 20) é um gesto de violência simbólica que atravessa as gerações. Ao transformar esse insulto em arte, o poeta surdo retoma o controle sobre sua própria imagem, usando a mão não para ferir, mas para educar e denunciar.

Figura 20 – O dedo que aponta: a representação da opressão social.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bl4-k4YqkCwet>

Por fim, no Sul, a obra de Andressa Silva sintetiza a trajetória de libertação das mãos surdas. Fazendo referência ao Congresso de Milão de 1880, que proibiu as línguas de sinais, sua arte celebra a retomada do direito de sinalizar. Na Figura 21, a representação do sinal de ABOLIÇÃO remete ao quebrar de correntes. É a mão que se liberta das amarras históricas para "abrir-se para a vida" e garantir que a cultura surda prossiga.

Figura 21 – Abolição: o gesto que quebra as correntes do silenciamento.



Fonte - <https://www.instagram.com/p/B0rQo5BFvQw/>

A produção artística desses autores brasileiros demonstra que a mão, longe de restringir-se à sua função meramente biológica ou ferramenta utilitária, constitui o próprio epicentro da ontologia e da vida surda. É na materialidade do gesto que o sujeito surdo rompe com a passividade imposta por séculos de silenciamento e transfigure a memória da opressão em um território de afirmação estética e dignidade política.

Nesse sentido, a centralidade das mãos nas artes surdas não apenas reflete uma especificidade linguística, mas refrata a busca universal pela libertação do ser através da criação. A mão que sinaliza, que esculpe e que atua é a mesma que reivindica o direito à presença, operando uma subversão ética: o que antes era alvo de estigma torna-se uma ferramenta da beleza e da resistência.

Considerações finais

Ao longo da história, as mãos acompanharam a humanidade como símbolos de poder, devoção e criação. Desde as marcas rupestres nas cavernas até os gestos políticos e artísticos da contemporaneidade, elas se revelaram mediadoras entre o corpo e o mundo, entre o pensamento e a ação, configurando-se como signos universais de expressão e resistência.

Entretanto, quando voltamos o olhar para a experiência surda, as mãos assumem uma centralidade ainda mais profunda, pois se transformam em veículo de linguagem, identidade e cultura. Na arte surda, elas não apenas comunicam, mas também criam formas estéticas que ampliam a noção de literatura e arte (Menezes e Souza, 2022). A poesia em Libras, por exemplo, utiliza o movimento das mãos para estruturar ritmo, metáforas visuais e jogos de significação que extrapolam os limites da oralidade, instaurando uma estética própria. Da mesma forma, performances teatrais e narrativas visuais em língua de sinais revelam como o corpo surdo se converte em palco de resistência, tornando as mãos elementos de autoria e de criação artística.

A produção de artes visuais surdas traz as mãos como protagonistas: ora representadas em pinturas e esculturas, ora ressignificadas em performances multimodais. Elas simbolizam tanto a luta contra o apagamento histórico quanto a afirmação da identidade surda. Nesse sentido, as mãos não são apenas ferramentas de comunicação, mas também o espaço no qual se materializa a memória coletiva e se projeta uma estética da visualidade surda.

Assim, compreender o percurso histórico das mãos na humanidade é reconhecer que sua culminância se expressa, de modo singular, nas mãos surdas, que criam literatura, produzem artes e reafirmam o direito à diferença. Nesse encontro entre universal e singular, as mãos surdas tornam-se não apenas símbolos de expressão, mas também de resistência e de produção cultural transformadora. Por isso, nos elas nos convidam a adentrar no universo surdo e olhar para as suas mão tão bem representadas na arte.

Referências

- ABREU, F. As mesmas mãos humanas que criam a evolução e o progresso. Portal Piauí Hoje, Teresina, 2020. Disponível em: <https://piauihoje.com/blogs/filosofia-de-vida/as-mesmas-maos-humanas-que-criam-a-evolucao-e-o-progresso-351632.html> Acesso em: 06 de fev. de 2021.
- BÍBLIA. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BOTTON, F. F. Michelangelo: Capela Sistina, ut pictura poesis e a condição social do pintor na renascença. DARANDINA Revista eletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF – v. 2 – n. 3, 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/artigo25.pdf> Acesso em 27 de março de 2021.
- CLARK, L. Breviário sobre o corpo. Concinnitas. Ano 16, vol. 01, n° 26, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/concinnitas/article/view/20119/14421> Acesso em 03 mar. 2022.
- RAMM-BONWITT, I. Mudras as mãos como símbolo do cosmos. Editora Pensamento, São Paulo, 1991
- CASCUDO, Luis da Camara. *História dos nossos gestos*. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CAMARGO Maria Isabel Saczuk. Vivência - O corpo na dança flamenca.. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). Anais. 19º congresso brasileiro e 3ª conveção Brasil-latinomérica de psicoterapias corporais. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2014. [ISBN – 978-85-87691-24-8].
- CHEVALIER, Jean. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, Imagens, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- COURI, A. *et al.* A representação das mãos nas artes visuais. HA EBA UFRJ. 2016. Disponível em: <https://hav120151.wordpress.com/2016/02/28/a-representacao-das-maos-nas-artes-visuais/> Acesso em: 13 de março de 2021.
- FARTHING, S. Tudo sobre Arte. Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2010
- Futane, P. R. and R. V. Dharaskar. 2011. Hasta Mudra: An Interpretation of Indian sign hand Gestures. International Conference on Electronics Computer Technology (ICECT).: 377-380.
- FRANCA, Patricia. Sentimentos topológicos: a mão nas artes plásticas. ARS (São Paulo), São Paulo, v. 5, n. 10, p. 98-107, 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202007000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Mar. 2021.
- FRANCO, G. O significado no gesto: Representatividade das Mãos na Arte. Médiun. 2016. Disponível em: <https://medium.com/@guiff/o-significado-no-gesto-896f2731a3e9>. Acesso em 14 de março de 2021.
- GOMBRICH, E. H. História da Arte. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

ILANI, M.C. Estado Livre do Congo: imperialismo, a roedura geopolítica (1885-1908). 2011. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.8.2011.tde-26042013-095008. Acesso em: 2021-02-21.

GAGLIARDINI, L. Mudra arte & tecnica del gesto. [Parampara Editora](#), Espanha, 2016.

LADD, P. Em busca da surdidade: Colonização dos Surdos. Clevedon: Multilingual Matters, 2013.

LEMONS, S; ANDE, E. Arte Bizantina: arte na idade média. 1º ed. São Paulo, Instituto Calis, 2013.

LIMA, Cesar Pacheco de. Ecosistemas comunicacionais expandidos. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

MAGANO, O. Estudo qualitativo sobre a integração social de indivíduos de origem cigana na sociedade portuguesa. Tese (Doutorado em Sociologia) - UNIVERSIDADE ABERTA de Lisboa. Lisboa, 2010. Disponível em

https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1750/1/TESE%20Doutoramento_OlgaMagano.pdf

Acesso em 25 de março de 2021.

MENEZES, Ronny Diogenes; SOUZA, Fábio Marques. As mãos na arte surda: uma ferramenta de confronto e afirmação dos valores sociais surdos. *Revista Iniciação & Formação Docente*, v. 9, n. 4, p. 16-40, 2022.

MENESES, Ronny Diogenes de. Ode às mãos: a presença do real nas artes surdas como motivadora do ato responsável e humanizado. 2023. 213 f. Orientador: Fábio Marques de Souza. Tese (Doutorado em Linguagem e Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2023.

MIRZOEFF, N. *Silent poetry: deafness, sign, and visual culture in modern France*. Princeton University Press, Chichester, West Sussex, 1995.

MONDZAIN, M. *Homo spectator: ver, fazer ver*. Lisboa: Orfeu Negro, 2015.

SACKS, O. W. *Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos Surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARDENBERG, T. et al. Evolution of representation of the hands in plastic arts. *Acta ortop. bras.*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 15-24, Sept. 2002. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-78522002000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-78522002000300003>.

SILVA, L. L. Heil Hitler; análise semiológica de pôsteres nazistas do período 1933-1945. 2008. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, R. R. A mão como símbolo político nas artes gráficas e visuais. Revista Ícone, Recife, v. 18, n. 1, p. 41-65, jan/abr, 2020. DOI: 10.34176/icone. v18i1.238038

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. 1. ed. Trad. Grillo, S; Américo, E. V. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia. 1. ed. Trad. Grillo, S; Américo, E. V. São Paulo: Editora 34, 2019.

YAKOTA, K. Mitos do Shotokan: as respostas proibidas para os mistérios do karatê Shotokan. Azami Press, Frankfort, 2017.